

# Governo decide hoje queda dos juros

104

*Reunião do Comitê de Política Monetária deve confirmar expectativa do mercado financeiro e fixar taxas entre 2,6% e 2,7% para janeiro*

Ugo Braga  
Da equipe do Correio  
com agências

Fernando Henrique Cardoso diz que quer, mas Gustavo Franco acha muito cedo. Ganharia a necessidade política do presidente da República ou a prudência técnica do presidente do Banco Central (BC)? Ambas. Os juros cairão pouco e os dois ficarão contentes. É

o que se espera da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), que ocorre hoje, a partir das 16h30, numa sala do 8º andar do prédio do BC, para decidir qual a taxa de juros do Brasil em janeiro.

Praticamente todos os profissionais do mercado financeiro apostam em uma queda. Precisamente de 0,2 ponto percentual, a mesmíssima da última reunião do Copom. A Taxa Básica do Banco Central (TBC, que for-

ma todas as taxas de juros da economia), portanto, recuará dos atuais 2,9% para 2,7% ao mês. Seria uma forma de sossegar o presidente da República — que não quer começar um ano eleitoral com juros altos e recessivos —, sem comprometer a moeda.

Os juros do Brasil foram parar na estratosfera com a crise das bolsas, em outubro. Quedas sucessivas nos mercados de valores do mundo inteiro provocaram uma fuga dos dólares aplicados nas bolsas brasileiras. E o BC elevou a TBC de 1,58% para 3,05% ao mês (no mês passado, voltou a baixá-la para 2,9%). Queria, assim, tornar as aplicações em reais tão rentáveis que compensassem o risco de os estrangeiros deixarem seus dóla-

res aplicados por aqui, um mercado emergente. A medida teve sucesso, mas trouxe um efeito colateral. Os juros altíssimos interrompem investimentos, causam demissões e cortes de salários — os metalúrgicos do ABC paulista são prova disso. E desemprego e recessão podem comprometer a reeleição do presidente Fernando Henrique.

Outro sinal sobre a taxa que o Copom vai divulgar hoje foi o resultado de ontem do mercado de juros. O leilão de títulos do Tesouro realizado pelo Banco Central, por exemplo, sinalizou para uma queda da TBC em janeiro, segundo interpretação dos operadores dos bancos.

O Banco Central vendeu dois mi-

lhões de títulos prefixados (LTN) com prazo de 77 dias pela taxa de juros máxima de 3,698% ao mês. Já os 800 mil papéis corrigidos pela variação de preço do dólar (NTN-D) foram leiloados pela taxa anual máxima de 14,88%. Ambas eram projetadas pelo mercado futuro de juros, na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), onde os operadores apostam em cotações de juros no futuro. As taxas efetivas (que contam somente os dias úteis do mês) recuaram de 2,66% para 2,62% no vencimento de janeiro e de 2,24% para 2,16% no vencimento de fevereiro. A taxa dos empréstimos com prazo de doze meses feitos entre os bancos (taxa "swap" 12 meses) foi cotada entre 33% e 34% ao ano, de-

pois de ter fechado a 35% na véspera. No mercado à vista de juros, as taxas "overnight" (emprestimos de um dia para o outro) encerraram cotadas no mesmo patamar de anteontem, entre 3,86% e 3,88% ao mês (Selic, que mede o rendimento dos títulos públicos) e entre 3,88% e 3,91% ao mês (CDI, usada nos empréstimos privados interbancários).

## TAXA BÁSICA

